

Artículo de Investigación

Efeitos da pandemia de covid-19 nas práticas do jornalismo televisivo: o caso da TVI

Covid-19 pandemic effects on broadcast journalism: the case of TVI

Élvio Silva Carvalho¹: Universidade da Beira Interior, Portugal.
elvio.carvalho@ubi.pt

Fecha de Recepción: 24-04-2024

Fecha de Aceptación: 18-07-2024

Fecha de Publicación: 18-07-2024

Como citar o artigo (APA 7^a):

Silva Carvalho, E. (2024). Efeitos da pandemia de covid-19 nas práticas do jornalismo televisivo: o caso da TVI. *European Public & Social Innovation Review*, 9, 01-18. <https://doi.org/10.31637/epsir-2024-345>

Resumo:

Introdução: A pandemia de covid-19 colocou desafios ao normal exercício do jornalismo televisivo. As medidas restritivas governamentais obrigaram as redações a adaptarem-se e a procurarem soluções que permitissem a manutenção da atividade. **Metodologia:** Esta investigação procurou identificar quais os entraves específicos que surgiram, que práticas foram alteradas para os ultrapassar e, principalmente, quais foram revertidas após o fim das restrições e quantas se tornaram permanentes. O objeto de estudo foi a redação do canal português TVI, com a realização de entrevistas a 12 funcionários, entre dezembro de 2022 e março de 2023. **Resultados:** Os resultados revelaram a generalização do teletrabalho e equipas em rotatividade, a acumulação de funções, aumento do volume de trabalho e a utilização de ferramentas de menor qualidade para alimentar os noticiários. **Conclusões:** Verificou-se que, em 2023, a maioria das alterações já tinha sido revertida, mas, também, que algumas práticas passaram a integrar as rotinas da redação.

Palavras-chave: covid-19; pandemia; televisão; jornalismo; jornalismo televisivo; TVI; TVI24; teletrabalho.

¹ Élvio Silva Carvalho: Universidade da Beira Interior (Portugal).

Abstract:

Introduction: The covid-19 pandemic brought significant challenges to broadcast journalism. To secure jobs and operations, newsrooms had to adapt their work routines, to comply with restrictive measures imposed by governments. **Methodology:** This investigation sought to identify which specific challenges arose, which routines were altered to overcome them and, mainly, which ones were reverted when restrictions ended, as well as how many became permanent. The subject of this study was the Portuguese channel TVI, with 12 interviews with employees, conducted between December 2022 and March 2023. **Results:** The results revealed that the greater portion of employees started working from home (following a rotating system), an increase of daily tasks and the use of low-quality equipment and software to keep the news broadcast going. **Conclusions:** By 2023, most of the new routines have been eliminated, although some seem to have become permanent.

Keywords: covid-19; pandemic; television; journalism; broadcast journalism; TVI, TVI24; remote work.

1. Introdução

Portugal registou o primeiro caso de covid-19 a 2 de Março de 2020 (Rico, 2020). Desde essa data, o já esperado aumento exponencial dos casos desencadeou uma série de medidas restritivas à população, em particular limitações à circulação e vários confinamentos gerais, que paralisaram a grande maioria das profissões e atividade empresarial em Portugal. Os jornalistas e os órgãos de comunicação social também tiveram de se adaptar para continuar a operar, numa fase em que a população desesperava por conhecimento sobre a covid-19, seus efeitos e sobre as medidas que os governos à escala mundial adotaram para a enfrentar.

Com a maioria da população confinada às respetivas habitações, já era expectável que tivesse crescido o consumo de televisão. Este estudo tentou identificar que papel teve este meio de comunicação e o jornalismo televisivo, em particular, no quotidiano dos cidadãos, mas também entender como continuaram os jornalistas e redações a funcionar e, ainda, que efeitos tiveram as necessárias alterações na vida particular e condições de trabalho dos próprios jornalistas.

Para o alcançar, depois de uma revisão teórica que explorasse o que já se conhece sobre estas questões, este estudo utilizou o caso específico da redação da TVI como objeto concreto de análise, para entender como, de facto, se adaptou o jornalismo televisivo nesta fase.

Através de entrevistas com profissionais da TVI, o objetivo deste estudo era perceber o que mudou concretamente, que efeitos provocaram as alterações e, por último, e talvez mais importante, se existiram mudanças que não foram revertidas com o fim da pandemia e se o jornalismo televisivo se pode ter alterado definitivamente a nível operacional e corporativo.

1.1. *Pandemia e consumo televisivo*

Durante os primeiros meses da pandemia, o consumo televisivo em Portugal disparou. Com a larga maioria dos cidadãos obrigados a permanecer em casa, cresceu a procura por informação e entretenimento, e o aparelho “televisão” adquiriu nos lares uma “momentânea centralidade” (Cunha *et al.*, 2021, p.11). Assistiu-se, naturalmente, a um aumento significativo do consumo: 23% no primeiro mês de confinamento, 33% no segundo (2021), e estes são dados que excluem o recurso a serviços on demand e de subscrição, que também aumentaram os respetivos telespectadores (Rodrigo-Cano & Ruiz-Alba, 2021).

Existiu um aumento do interesse por notícias, em particular sobre a pandemia, e a evolução da situação. Esta procura alimentou o já crescente aumento de oferta dos órgãos de comunicação de notícias sobre a covid-19 (Lopes *et al.*, 2020), que após a declaração do Estado de Emergência (Cunha *et al.*, 2021) evoluiu para assunto dominante. A televisão tornou-se o meio de eleição para os cidadãos se manterem informados (Túñez-López *et al.*, 2020) e rapidamente se adaptaram as linhas eleitorais: a esmagadora maioria das notícias passaram a ter relação com a pandemia ou com os seus efeitos, o desporto e os fait-divers perderam lugar nos alinhamentos (Cabrera *et al.*, 2020) e progressivamente a informação tornou-se monotemática.

Esta relação simbiótica, entre telespectador e estações, traduz-se em dados concretos, expostos por Isabel Ferin Cunha, Carla Martins e Ana Cabrera (2021): em março de 2020, o número de horas de informação dos canais generalistas em sinal aberto (RTP1, SIC e TVI) subiu 21,5% em relação ao mês anterior, voltou a subir uns adicionais 8,5% em abril e 1,5% em maio. O mesmo estudo, que cita dados do serviço Telenews (da MediaMonitor), indica, também, que na primeira semana do Estado de Emergência, os três canais dedicaram 42 horas ao tema covid-19, com a TVI a atingir o número mais elevado (16).

O fenómeno não aconteceu apenas em Portugal, o aumento da oferta informativa (Becker, 2021) e a sobreposição do tema covid-19 verificou-se noutros países, tal como o crescimento do número de telespectadores. O canal brasileiro TVE-RS, do estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, que tinha retirado os noticiários da grelha de programas há quase dois anos, retomou-os no início da pandemia (Sifuentes *et al.*, 2021). Em Espanha, o aumento dos espectadores dos noticiários situou-se em 37% e 40% em março e abril de 2020, respetivamente, de acordo com dados da consultora Barlavento Comunicación, com uma média de 4 horas e 35 minutos de consumo de conteúdos televisivos por dia, por pessoa (Rodrigo-Cano & Ruiz-Alba, 2021). A nível europeu, há dados dos canais públicos que sugerem que os noticiários da manhã chegaram a duplicar a audiência nas alturas críticas da pandemia (Túñez-López *et al.*, 2020).

O crescimento explica-se pelo fenómeno da desinformação, que ganhou terreno na internet durante a pandemia, e o público procurou os meios tradicionais e o jornalismo certificado para obter informação credível (Cabrera *et al.*, 2020). Aliás, a quantidade de informações falsas divulgadas, principalmente nas redes sociais, levaram a Organização Mundial de Saúde a criar uma equipa para identificar e rastrear este tipo de conteúdos (Aguado-Guadalupe y Bernaola-Serrano, 2020). O fenómeno foi tão grave que se cunhou o termo “infodemia” (Cano & Ruiz-Alba, 2021). Os canais de televisão, por privilegiarem informações e fontes oficiais, conseguiram elevados índices de confiabilidade (Becker, 2021) e tornaram-se os órgãos mais fiáveis a seguir às comunicações dos governos (Túñez-López *et al.*, 2020) em países como Espanha, Reino Unido e França. Em Portugal, a informação televisiva já registava uma elevada taxa de credibilidade (Serrano, 2021) e durante a pandemia o fenómeno não se inverteu. Na Alemanha e na Itália, os noticiários ultrapassaram até a credibilidade do governo (Túñez-López *et al.*, 2020). Nos Estados Unidos, um estudo do Pew Research Center, por Jutkowitz e Michel (2020), citado por Miguel Túñez-López e Vaz-Álvarez (2021), revelou a importância que o canal predileto de um espectador pode ter nas suas crenças: apenas 37% dos telespectadores da Fox News acreditava na origem natural do vírus da covid-19, contra 52% e 66% dos que tinham por hábito assistir à CNN e MSNBC, respetivamente.

A pandemia criou a oportunidade para a afirmação de um jornalismo responsável e cívico (Cunha *et al.*, 2021) e sublinhou a responsabilidade dos profissionais dos media para orientar as populações para os comportamentos adequados, contrariando o sentimento inicial de que toda a situação estava a ser exagerada pelas entidades da Saúde e governamentais (Perreault

& Perreault, 2021). Ao transmitirem informação verificada, os noticiários desempenharam um papel pedagógico e contribuíram para o respeito das normas em vigor, como os confinamentos ou o uso de máscara, com a divulgação de campanhas de educação sanitária (Túñez-López *et al.*, 2020). Assumiram uma clara “orientação dos cidadãos para comportamentos preventivos da doença, procurando constituir-se como mais uma frente de combate à pandemia, que terá sido importante para ajudar o país a ficar em casa” (Lopes *et al.*, 2020, p. 207). Exemplo disso são os dados de um estudo realizado no Paquistão logo em 2020, por Manzoor e Safdar, citado por Serrano (2021), que demonstrou que as classes socioeconómicas mais baixas e que consumiam menos noticiários tinham menos receio de contrair o vírus.

A pedagogia dos meios de comunicação foi especialmente importante em países como os Estados Unidos ou o Brasil, que, à data, tinham líderes políticos que disputavam ou contrariavam as recomendações da OMS. Há exemplos concretos de órgãos que desafiaram ou desvalorizaram atitudes de responsáveis governamentais, tendo por base dados da ciência, mesmo durante a emissão de formatos de entretenimento. Os apresentadores de um dos programas mais antigos da estação brasileira Globo, o Fantástico, são exemplo disso, tendo divulgado regularmente medidas de isolamento social, antes de estas estarem em vigor. Logo a “5 de abril, os apresentadores explicaram que os profissionais da emissora passariam a usar máscaras, respeitando os protocolos de distanciamento” (Becker, 2021, p. 9), enquanto o presidente Jair Bolsonaro continuava a discursar “em atos públicos sem máscara” e continuava a criticar “as medidas sanitárias” (2021, p. 9) decretadas pelas autoridades de Saúde ou dos governos estaduais.

Em Portugal, grande parte dos apresentadores também assumiram uma posição frontal contra o negacionismo e tornaram-se rostos do combate à desinformação. No caso particular dos apresentadores dos noticiários, assumiram também uma “condição de autoridade/celebridade/conselheiro(a)” (Cunha *et al.*, 2021, p. 14), com a inclusão de frases escritas ou improvisadas de cariz intimista, em busca da empatia e como demonstração de que a pandemia estava a afetar todos os cidadãos.

No próprio dia 13 de março, o jornalista Rodrigo Guedes de Carvalho abria assim o Jornal da Noite da SIC: ‘Boa noite. Bem-vindos. Como estamos todos desde ontem? Espero que bem. Estamos preocupados, como é compreensível, mas quero acreditar que estaremos fortes para esta luta que ainda vai piorar antes de melhorar. (Lopes *et al.*, 2020, p. 224)

Apesar do alargado consenso dos benefícios da postura pedagógica adotada pelos media, há autores que defendem que há indícios de que existiu um excesso da informação sobre a covid-19 (Cunha *et al.*, 2021) e que a sucessão diária dos noticiários em “monotema” poderá ter provocado fadiga na audiência (Túñez-López *et al.*, 2020, p. 14), mesmo que a audimetria se tenha mantido elevada durante meses.

1.2. Como a pandemia mudou o jornalismo

A televisão é imagem, vídeo e direto. Depende de práticas e meios técnicos para operar normalmente, pelo que é relativamente fácil compreender como foi difícil executar as tarefas diárias necessárias à produção de um noticiário sob restrições legais e sanitárias, durante os períodos mais críticos da pandemia.

O jornalismo depende de rotinas: recolha de informação, deslocação a locais com interesse noticioso, contacto com fontes, realização de entrevistas, recolha e edição de imagens, produção de texto, gravação de voz e, por vezes, edição de grafismo. Com as limitações à

circulação e lotação nas empresas, bem como ao contacto físico entre cidadãos fora do agregado familiar e com a generalização do teletrabalho, a ação do jornalista tornou-se limitada, tanto no sentido literal, como no sentido editorial. A pandemia estabeleceu, por isso, durante cerca de dois anos, um “jornalismo confinado” (Cunha *et al.*, 2021) e que lutou constantemente para manter a qualidade exigida à profissão, através de meios alternativos, nem sempre com sucesso. Privilegiaram-se, progressivamente, contactos telefónicos para obter e confirmar notícias e videochamadas (Perreault & Perreault, 2021) para gravação de testemunhos e/ou intervenções em direto nas televisões, formato híbrido (Cunha *et al.*, 2021), que de raro passou a normal. Num ápice, as chamadas via plataformas “Skype” e “ZOOM” tornaram-se essenciais para a produção de peças ou realização de entrevistas, o que deixou os noticiários praticamente dependentes da internet (Sifuentes *et al.*, 2021). E se, por um lado, estas ferramentas permitiram a participação de convidados que se encontravam geograficamente muito distantes, também banalizaram as falhas de rede (2021), a baixa qualidade de imagem, som e enquadramento e as interrupções abruptas de entrevistas.

Circulação limitada significou também perda de contacto com fontes essenciais para os chamados “furos jornalísticos”, indivíduos que têm proximidade e confiança em repórteres para lhes conceder informação privilegiada, mas que se recusavam a fazê-lo por meios digitais, para garantir anonimato.

Com as dificuldades de acesso a locais e a entrevistados, os jornalistas passaram a depender cada vez mais de canais de comunicação oficiais e governamentais, sujeitos a regras impostas pelas entidades, para obtenção de dados, testemunhos ou imagens. Um dos grandes exemplos foi a criação de “pools” de jornalistas para cobrir eventos ou simples conferências de imprensa da agenda política. Os meios de comunicação privados passaram a ter de se organizar entre si e definir jornalistas para representar vários órgãos num determinado momento (Cunha *et al.*, 2021). Por exemplo, um jornalista da TVI poderia ter de fazer perguntas em nome do canal que representa e outras solicitadas pela SIC ou CMTV. A regra aplicava-se também à recolha de imagem. Forçou-se, por isso, uma maior partilha de conteúdos entre concorrentes, o que resultou numa menor diferenciação entre produtos.

A dependência em relação a órgãos oficiais também foi acentuada por se estar a lidar com um problema de saúde pública. Novas informações e normas eram transmitidas principalmente por membros do Governo, Presidente da República ou Direção Geral da Saúde e, muitas vezes, explicadas em seguida por especialistas, como médicos ou infeciologistas, que acompanhavam os pivôs (Cunha *et al.*, 2021) e desconstruíam informação em bruto. Um estudo conduzido por Estrela Serrano (2021) comprovou, exatamente, a desproporcional presença de figuras como o primeiro-ministro ou a ministra da Saúde em peças, conferências de imprensa e imagens ilustrativas da RTP, em comparação com outros atores, no período entre 2 de março e 29 de maio de 2020, com destaque para a “ausência quase absoluta” (Serrano, 2021, p. 69) de membros dos partidos da oposição.

Por último, o jornalismo remoto (Túñez-López *et al.*, 2020), sedentário (Cunha *et al.*, 2021), fez-se também com recurso a imagens reutilizadas, de arquivo e captadas por cidadãos. Assistiu-se a uma crescente utilização de conteúdos amadores enviados para as redações ou publicados em redes sociais. O facto da pandemia se ter tornado o único tema de interesse dos telejornais durante largos meses também favoreceu esse crescimento, uma vez que na procura de novos ângulos noticiosos tornou-se aceitável explorar conteúdos amadores. Prática arriscada e que exigiu verificação redobrada, uma vez que a web “também favorece a difusão de notícias falsas” (Sifuentes 2021, p. 134).

1.3. Como a pandemia impactou os jornalistas

O canal brasileiro TVE-RS decidiu reintroduzir o telejornal durante a pandemia para manter a audiência informada. Aquilo que não se referiu anteriormente é que este noticiário era feito remotamente. Durante sete meses, a pivô apresentou o jornal a partir da sala de estar (Sifuentes *et al.*, 2021), na qual foi montado um pequeno estúdio, sem teleponto, e onde, muitas vezes, se recorria a notas escritas à mão pela apresentadora. Trata-se de mais uma solução encontrada para manter o canal a funcionar, como outros exemplos referidos no ponto 2, porém é necessário questionar e analisar que efeitos tiveram alterações como esta na vida pessoal dos jornalistas. Afinal, devemos distanciar-nos daquilo que é a necessidade de continuar a levar a informação a casa das pessoas e reparar que se está a consegui-lo porque estamos, justamente, na casa de alguém, no espaço pessoal da jornalista - que neste caso era partilhado com uma criança, filho da apresentadora - o que terá tornado difícil a separação entre vida profissional e pessoal (Sifuentes *et al.*, 2021).

As empresas de media também estiveram sujeitas aos limites impostos pelo Governo, nomeadamente quanto à lotação de espaços físicos e à obrigatoriedade do teletrabalho, sempre que fosse possível. Assim, além de todos os condicionamentos já mencionados no ponto 2, o jornalismo televisivo passou, também, a operar com menos profissionais nas redações e com grande parte destes à distância. Estas alterações agravaram as dificuldades para manter as rotinas de trabalho, mas também o lado privado da vida dos jornalistas.

O teletrabalho levantou, em primeiro lugar, um problema de falta de material técnico. Muitos jornalistas “passaram a usar equipamentos e recursos próprios para a realização” (Sifuentes *et al.*, 2021, p. 138) das suas tarefas: computadores, internet, telefones, entre outros. Por vezes, o próprio espaço físico da casa e “aspetos da vida pessoal dos jornalistas” passaram “a ser incluídos no conteúdo” (2021, p. 135) produzido, devido a gravações e entrevistas feitas a partir das residências dos profissionais (Becker, 2021).

Depois, o jornalismo televisivo é um trabalho coletivo, mas as circunstâncias forçaram muitos profissionais a realizar, sozinhos, tarefas que faziam em pares ou mesmo coletivamente. E à semelhança do que aconteceu noutras áreas profissionais, também há relatos da “intensificação do ritmo de trabalho” (Sifuentes *et al.*, 2021, p. 135) e aumento da carga horária (Cajazeira & Souza, 2022).

Muitas das dificuldades enfrentadas devido ao teletrabalho também se viveram nas redações, uma vez que os limites à lotação das empresas obrigou a uma redução do número de trabalhadores, com especial efeito nos órgãos que dependem de um maior número de colaboradores para operar normalmente. A consequência foi um aumento do volume de trabalho para os funcionários que continuaram a estar presencialmente nas empresas, com acumulação e diversificação de funções.

A interrupção do normal funcionamento da economia e quebra do mercado publicitário (Túñez-López *et al.*, 2020) também fragilizou as receitas das empresas. Os jornalistas, tal como aconteceu com grande parte dos profissionais, sentiram-se pressionados para apresentar mais e melhor trabalho (Perreault & Perreault, 2021), ou, no mínimo, tentar equiparar os níveis de produção aos do período pré-pandemia, por receio de perder o emprego.

Por fim, há ainda a questão da própria doença. Principalmente nas primeiras semanas, o desconhecimento sobre formas de contágio e efeitos físicos da covid-19 deixava os jornalistas com tantas dúvidas como qualquer cidadão. As deslocações necessárias ao exercício da

profissão deixaram os repórteres mais expostos ao vírus, tal como os de outras atividades que não puderam ser interrompidas.

2. Metodologia e procedimentos

A investigação desenvolveu-se a partir de uma metodologia exclusivamente assente em 12 entrevistas a funcionários da TVI, realizadas entre dezembro de 2022 e março de 2023. Tentou-se obter a maior diversidade possível entre os entrevistados, por esse motivo, foram convidados a participar funcionários com várias posições hierárquicas, que integram (ou integravam durante o período de interesse para o estudo) as cinco principais editorias da redação do canal (Sociedade, Política, Internacional, Desporto e Economia), a equipa de resposta rápida (Newsdesk) e da editoria digital, a secção de produção de informação e o gabinete de relações públicas. Dentro da redação, convidaram-se, ainda, dois apresentadores de noticiários e uma editora-chefe.

Tabela 1.

Nome, função dos entrevistados e data da entrevista:

Secção	Nome	Função durante o período estudado	Data da entrevista
Sociedade	António Assis Teixeira	Jornalista	01/02/2023
Política	Beatriz Jálon	Jornalista	14/03/2023
Internacional	Hugo Beleza	Jornalista	16/03/2023
Desporto	Catarina Cardoso	Jornalista e pivô	23/03/2023
Economia	Isabel Loução Santos	Jornalista	23/03/2023
Newsdesk	Verónica Ferreira	Jornalista	27/02/2023
Digital (online)	Nuno Mandeiro	Jornalista	17/02/2023
Apresentação (pivôs)	Rita Rodrigues	Pivô (TVI e TVI24)	01/03/2023
Apresentação (pivôs)	José Alberto Carvalho	Pivô (TVI)	30/03/2023
Produção de informação	Tiago Baptista	Produtor	22/12/2023
Relações Públicas	Soraia Vintena	Relações Públicas	25/01/2023
Chefias	Paula Oliveira	Editora-chefe (TVI e TVI24)	08/03/2023

Fonte: elaboração própria (2023).

Utilizaram-se as técnicas da entrevista estruturada e semiestruturada (Boni & Quaresma, 2005), para centrar os entrevistados no período de interesse e nas questões importantes para o estudo. O objetivo foi sempre minimizar as intervenções do investigador, que pudessem condicionar e/ou influenciar a autenticidade das respostas. Foi, por esse motivo, explicado a cada um dos convidados que o entrevistador iria evitar falar entre perguntas, salvo casos em que o entrevistado não tenha entendido a questão.

A maioria dos entrevistados respondeu a um questionário modelo, com oito perguntas. Os convidados com funções de chefia, apresentação, produção de informação e relações públicas tiveram questionários adaptados, devido à especificidade destes cargos. Independentemente das perguntas, o objetivo era ouvir os funcionários sobre as alterações à redação e às rotinas, se estiveram sujeitos e como funcionou o teletrabalho, se os trabalhadores sentiram pressão interna das chefias, se esta foi uma fase de dependência de entidades oficiais e se se alterou a relação com as fontes, como se lidou com a ameaça da desinformação e, por fim, que alterações ainda permanecem atualmente. As entrevistas foram realizadas de forma individual e em ambientes afastados da redação e outros espaços de trabalho.

Tabela 2.

Questionário modelo:

Questionário modelo
<ul style="list-style-type: none"> - No início da pandemia, o que mudou na redação da TVI para a maioria dos funcionários? - O que mudou especificamente na rotina dos jornalistas da editoria de (internacional, política, etc.)? - Foi implementado o teletrabalho (nesta editoria/secção)? Se sim, os horários de trabalho mantiveram-se? - Existiu maior pressão interna (das chefias ou colegas) durante este período? - Houve maior dependência dos órgãos oficiais ou governamentais? - Existiu uma alteração na relação com fontes? Se sim, dê exemplos. - Considera que a desinformação aumentou? Se sim, como se lidou com a ameaça? - Que hábitos ou rotinas alteradas permanecem atualmente (após o controlo da pandemia)?

Fonte: elaboração própria (2023).

2.1. Perguntas de investigação

Com este trabalho procurou-se responder às seguintes perguntas de investigação:

1. De que forma foram alteradas as rotinas de trabalho dos funcionários da TVI, e em particular dos jornalistas, durante a pandemia?
2. A TVI implementou a generalização do teletrabalho?
3. Existiu maior pressão interna (das chefias ou colegas) durante este período?
4. Verificou-se uma alteração na relação com as fontes?
5. Como se lidou com a ameaça da desinformação?
6. Que hábitos ou rotinas, alterados durante a pandemia, permanecem atualmente?

3. Resultados e discussão

A TVI implementou todas as medidas de exceção decretadas pelo Governo português, algumas vezes antecipando regras que viriam a ser aplicadas à população. Destacam-se o uso obrigatório de máscara dentro das instalações desde 22 de abril de 2020, a testagem semanal dos colaboradores a partir de 23 de janeiro de 2021 e a testagem de todos os convidados a partir de 1 de fevereiro do mesmo ano.

3.1. Alterações na redação e à rotina dos funcionários

Todos os 12 entrevistados mencionaram as mesmas alterações na redação e rotinas dos funcionários, medidas que foram progressivamente implementadas a partir da declaração do

Estado de Emergência, em março de 2020. Nomeadamente, o uso obrigatório de máscara em permanência, as divisórias de acrílico nas secretárias, a disponibilização de álcool gel e a testagem semanal dos colaboradores e dos convidados, além da redução do número de funcionários em simultâneo nos espaços fechados e na empresa em geral, com a implementação do teletrabalho para a maioria dos colaboradores.

A opinião geral é que a empresa respondeu atempadamente, com a implementação de regras sanitárias e de prevenção. A elevada dependência da presença de um conjunto mínimo de colaboradores que mantivessem o canal a funcionar, obrigou a TVI a prevenir os contágios de forma severa, enviando para casa quem tivesse contacto de risco com um infetado, ainda antes da declaração do Estado de Emergência. A Editora-chefe, Paula Oliveira, referiu, por exemplo, que os estagiários foram dispensados logo após o encerramento das escolas “de forma a salvaguardar as pessoas que não tinham contrato com a empresa” (comunicação pessoal, 8 de março, 2023).

O jornalista de Sociedade, António Assis Teixeira, também destacou este carácter preventivo da empresa com especial ênfase. “Termos que usar equipamento de proteção individual foi logo uma das primeiras preocupações que nós tivemos e nisso a TVI respondeu atempadamente. Lembro-me que nos deram viseiras, depois umas máscaras, depois fizeram máscaras da TVI porque passámos a ter que usar obrigatoriamente, antes de ser uma recomendação e uma obrigação, nós aqui já usávamos. Também servíamos de cenário ao jornal” - refere-se ao espaço da redação que era visível durante os noticiários - “e acho que isso foi uma forma de consciencializarmos as pessoas” (comunicação pessoal, 1 de fevereiro, 2023).

Soraia Vintena, do gabinete de Relações Públicas, sublinhou a redução drástica do número de convidados, a proibição de trazerem acompanhantes e o apelo que existiu aos editores para ponderarem quem realmente precisava de se deslocar à estação. Já em 2021, a partir de fevereiro, passou a ser recusada entrada nas instalações a quem não quisesse realizar um teste rápido de despiste à covid-19 e não estivesse vacinado. “[Se alguém se recusasse] não entrava em direto. Lembro-me de uma situação [de uma convidada que dizia] ‘ser contra a covid-19’, não fez o teste, não estava vacinada e foi mandada embora” (comunicação pessoal, 25 de janeiro, 2023).

3.2. Alterações às rotinas específicas dos jornalistas

Com todas as alterações que a redação sofreu, mudaram-se rotinas nas editorias e restantes secções. Os jornalistas continuaram a produzir reportagens, mas de forma adaptada. Através das respostas dos entrevistados identificaram-se três grandes alterações: partilha de conteúdos entre televisões, cobertura exclusiva do tema covid-19 e acumulação de funções.

Devido às limitações à circulação, a TVI/TVI24 aceitou participar num acordo entre canais de informação (maioritariamente com a SIC Notícias e CMTV), que passaram a combinar entre si qual das estações enviava um jornalista e repórter de imagem para cobrir certos eventos que tivessem limitação ao número de profissionais (de que eram exemplo as conferências de imprensa do Conselho de Ministros). Na prática, era um sistema rotativo em que o canal destacado cedia a imagem em direto (ou em diferido) às outras duas estações e o jornalista presente colocava questões pedidas pelos canais do acordo. “Passámos a ter um grupo no WhatsApp [para partilhar] sinais com a SIC, RTP e CMTV o que possibilitou que não fosse necessário tantas equipas na rua. [Houve] fair-play entre os canais, não havia tanta competição, porque todos acabámos praticamente a transmitir [os mesmos conteúdos]” (Baptista, 22 de dezembro, 2022).

Uma das entrevistadas que descreveu esta nova realidade foi a jornalista de Política, Beatriz Jalón: “Não era permitido que toda a gente fosse para os eventos. (...) Passámos [a trabalhar] em pool, fazíamos para a SIC, CMTV... A RTP ia sempre, o canal oficial tinha prioridade e nunca abdicou disso. (...) [Este sistema] durou muito tempo, desde o início da pandemia até um ano e meio depois, arrisco dizer, e desde então essa prática ficou instituída. Hoje em dia não é despropositado, quando uma televisão não pode ir [cobrir um evento], pedir a outra. Até então não havia essa facilidade” (comunicação pessoal, 14 de março, 2023).

Os jornalistas da editoria de Internacional foram os únicos que não passaram por este sistema, uma vez que continuaram a conseguir aceder aos conteúdos de agências internacionais para produção de peças. Sempre que era necessário contacto com fontes, era feito por videochamada.

Com a covid-19 a dominar a atualidade, cedo os noticiários passaram a focar-se inteiramente neste assunto, o que obrigou a outra grande adaptação dos jornalistas da TVI. A especialização de cada um foi ignorada durante este período e todos os profissionais passaram a produzir reportagens sobre a covid-19. O exemplo flagrante desta realidade foi a editoria de Desporto, devido à interrupção progressiva das competições. A jornalista Catarina Cardoso, até então repórter e pivô de programas de Desporto, chegou, até, a apresentar noticiários, ainda que tenha sido apenas por curto período de tempo. “Em dias, o desporto acabou. (...) Percebemos que não fazia sentido estarmos inseridos na editoria de Desporto e passámos a [focar-nos só na temática] covid-19.” (comunicação pessoal, 23 de março, 2023).

Por último, grande parte dos jornalistas disseram ter passado a acumular funções na redação, que anteriormente eram partilhadas. A mais comum, e única com significado para este estudo, foi o facto de passarem a recorrer menos aos colegas de edição de imagem para a montagem de peças. Por uma questão de proximidade física, era desaconselhado que o fizessem e muitos passaram a pedir ajuda apenas quando não conseguiam alcançar o resultado que queriam.

3.3. Teletrabalho

Com a declaração do Estado de Emergência a redação ficou dividida em três grandes grupos: jornalistas em teletrabalho, jornalistas e repórteres de imagem que trabalhavam fora de casa, mas que não iam à redação e jornalistas a trabalhar presencialmente, explicou a editora-chefe, Paula Oliveira (comunicação pessoal, 8 de março, 2023). Este sistema era aplicado de forma rotativa, ainda que não a todos os jornalistas. De uma forma simplificada, os jornalistas trabalhavam uma ou duas semanas na redação e em seguida ficavam o mesmo período em casa em teletrabalho, o que nalguns casos podia significar ter de fazer deslocações diretas para os locais de interesse noticioso (sem ir à redação), ficar com tarefas pouco significativas ou até livre de funções. Esta rotatividade (apelidado internamente como “trabalho em espelho”) foi necessária, não só por todas as restrições impostas, mas para prevenir uma ainda mais acentuada falta de trabalhadores, caso fosse detetado um caso de covid-19 dentro da redação. Se acontecesse, todos os funcionários eram enviados para casa e substituídos por aqueles que estavam em teletrabalho ou em regime não presencial.

No caso específico do teletrabalho, a dependência da televisão relativamente a equipamentos e software fez com que demorasse algumas semanas até que se conseguisse produzir conteúdo com qualidade suficiente a partir de casa. As rotinas e software foram progressivamente melhorados até ser possível produzir uma peça fora da redação. A editoria de Internacional foi a primeira a consegui-lo, devido à reduzida dependência de entrevistas presenciais, uma vez que a maioria das imagens e depoimentos já eram obtidos via agências internacionais, mas

também graças ao engenho de um dos jornalistas desta secção, Hugo Beleza, que começou por “fazer algumas experiências com um iPad” (comunicação pessoal, 16 de março, 2023), logo na primeira semana que esteve em casa. Conseguiu montar uma peça modelo e levou esse know-how de volta para a redação, “um primeiro passo”.

Nem todos os jornalistas relataram esta facilidade de adaptação à nova realidade. A jornalista de Economia, Isabel Loução Santos, por exemplo, descreveu dificuldades a nível técnico, como no acesso ao programa principal utilizado para os noticiários (iNews) e falta de equipamentos adequados para escrever e gravar textos a partir de casa, tendo acabado por solicitar o regresso ao regime presencial (comunicação pessoal, 23 de março, 2023).

Ao contrário de um dos exemplos apresentados no ponto 3, a função de pivô de noticiário nunca foi adaptada para o teletrabalho. Significa isso, também, que elementos fundamentais à emissão, como técnicos de régie, coordenadores, apresentadores e assistentes de estúdio nunca estiveram em regime de teletrabalho. A editora-chefe, Paula Oliveira, referiu apenas o caso particular de um segmento de Desporto que era emitido com o pivô e um comentador em simultâneo a participarem a partir das respetivas residências.

Alguns jornalistas mudaram de funções nas semanas que estavam em teletrabalho. Por exemplo, a jornalista de Política, Beatriz Jalón, passou a fazer recolha de informação sobre a atualidade de outros países e fazia entradas em direto, via videochamada. A jornalista de Desporto, Catarina Cardoso, e a jornalista do Newsdesk, Verónica Ferreira, integraram a equipa digital e passaram a escrever notícias para o site da estação. Funções que interrompiam se tivessem de sair em reportagem, no modelo já descrito em que não entravam na empresa.

Entre os entrevistados, dois relataram impossibilidade de realizar teletrabalho: Tiago Baptista, produtor de informação, e Soraia Vintena, relações públicas. Ambos disseram manter algumas funções que pudessem ser resolvidas por email ou telefone, mas reconheceram que não se enquadravam no mesmo modelo de teletrabalho que o resto da redação.

A única equipa que conseguiu trabalhar sem grandes dificuldades foi a editoria do digital, responsáveis por escrever e publicar notícias no site do canal. Foram os primeiros jornalistas a deixar a redação e os últimos a regressar ao regime presencial, já em meados de 2021. Aliás, alguns destes trabalhadores, naturais de zonas do país afastadas da área metropolitana de Lisboa, puderam passar longos períodos nas suas localidades de origem durante esta fase.

Uma das perguntas colocadas a todos os entrevistados que estiveram em teletrabalho foi se os horários se mantiveram inalterados. Não se verificaram relatos significativos quanto a esta questão, ainda que alguns jornalistas tenham admitido uma maior flexibilidade perante situações ou pedidos pontuais. “Não fazíamos horário duplo [por exemplo], mas a hora de entrada e saída deixou de ser tão rigorosa. (...) Devido às circunstâncias, ninguém tinha muito para fazer, então todos esticavam um pouco o horário” (N. Mandeiro, comunicação pessoal, 17 de fevereiro, 2023).

Apesar das alterações significativas nas dinâmicas de trabalho, também não há relatos significativos de que os jornalistas se tenham sentido pressionados para produzir mais ou trabalhar mais horas, embora admitam que em alguns casos foi necessário fazê-lo. Falam numa disponibilidade e flexibilidade maior nesta fase, mas apontam-lhe um caráter voluntário e não abordam o tema como algo imposto. “Posso [imaginar] casos de pessoas que ouviram ‘vê lá se não te escondes em teletrabalho’, mas a mim nunca me foi dito” (I. Santos, comunicação pessoal, 23 de março, 2023).

Nas funções em que o trabalho não podia ser feito à distância, como na secção de produção de informação, a principal questão também não foi a pressão das chefias para que se trabalhassem mais horas, mas sim a acumulação de trabalho que resultou de menos trabalhadores disponíveis. “Não senti tanto a pressão no início, depois (...) acabámos por ser menos [funcionários em simultâneo] e o fluxo de trabalho acabou por aumentar” (Baptista, comunicação pessoal, 22 de dezembro, 2022).

Mesmo na hierarquia superior existiu a sensação de que o trabalho aumentou, mas não por que existissem indicações nesse sentido. A Editora-chefe, Paula Oliveira, descreveu um dia em que passou 18 horas na redação em março de 2020, para conseguir disponibilizar acesso remoto a todos os jornalistas que já estavam em teletrabalho. Admitiu que muitos jornalistas que continuaram a deslocar-se para a empresa tiveram de assumir mais tarefas, mas defendeu que foi o resultado de uma situação “muito complexa do ponto de vista da gestão de uma redação [de um dia para o outro]” (comunicação pessoal, 8 de março, 2023). Já sobre os horários, garantiu que se mantiveram e que alguns até se encurtaram.

Com a crescente operacionalização das rotinas a partir de casa, o jornalista Hugo Beleza disse ter encontrado vantagens no trabalho à distância, que alteraram positivamente a forma de resolver problemas. “Lembro-me de uma [situação], em casa, em que uma peça minha precisava de ser revista, uma pequena alteração, [numa situação normal, estando fora da redação] alguém teria de [fazer] aquilo, eu em casa foi só mudar uma legenda, reler um ‘off’ e tinha a peça [pronta pouco tempo depois]” (comunicação pessoal, 16 de março, 2023).

Todos estes dados não desvalorizam a apreensão que disseram ter sentido vários dos entrevistados em relação ao vírus da covid-19 e da possibilidade de o contrair. Muitos disseram ter sido afetados psicologicamente pelo que estava a acontecer, com os testemunhos da jornalista Catarina Cardoso e José Alberto Carvalho a destacarem-se entre os demais. A primeira por ter relatado o sentimento negativo que lhe despertou a “primeira morte” (comunicação pessoal, 23 de março, 2023) e o segundo por admitir que esta foi a primeira vez em que sentiu medo: “A única coisa que diferenciava dois seres humanos eram os que estavam em casa e os que continuavam a trabalhar, nunca fomos tão iguais” (comunicação pessoal, 30 de março, 2023).

3.4. Relação com entidades oficiais e fontes não-governamentais

Os jornalistas entrevistados admitem que este foi um período de interdependência entre fontes oficiais ou governamentais e meios de comunicação. No entanto, não parecem existir indícios de que tenha prejudicado as rotinas de trabalho ou independência. A maior exposição e espaço dado a figuras do Governo ou a entidades oficiais, como documentado na literatura, é encarado como algo natural ou maioritariamente positivo, uma vez que a covid-19 era uma doença nova. “Foi uma escolha nossa privilegiar as fontes oficiais, porque eram as únicas a que atribuíamos mais credibilidade em termos científicos. (...) Estávamos a lidar com o desconhecido e, sim, acho que fomos um pouco dependentes [de canais oficiais], mas era uma das [poucas] fontes de informação fidedignas que tínhamos” (A. Teixeira, comunicação pessoal, 1 de fevereiro, 2023).

O jornalista Nuno Mandeiro considera que existiu também uma dependência dos dados por não ser viável confirmar individualmente todos os casos de covid-19 que eram reportados. “Se manipulassem os dados, podíamos não notar, mas não havia outra maneira. Podíamos ir a todos os hospitais perguntar quantos doentes tiveram? Não me parece viável” (comunicação pessoal, 17 de fevereiro, 2023).

Nenhum dos entrevistados relatou alterações significativas na relação com fontes não-governamentais, antes uma adaptação necessária, devido às limitações à circulação. Na prática, a única dificuldade passou por não se poder entrevistar ou recolher informação presencialmente, trabalho que passou a ser feito remotamente, com recurso a videochamadas ou por mensagens de texto, o que pode ter prejudicado apenas alguns casos específicos. A jornalista de Política, Beatriz Jalón, foi a única entrevistada que relatou alterações concretas, particularmente no acesso a documentação. “[Os contactos faziam-se] muito por telefone, mensagens, não houve tanta aquela obrigatoriedade de ‘vamos aqui tomar um café’. É claro que em termos de documentos, [foi] mais difícil. Se quiseres dar alguma coisa em mãos, que não podes [enviar] por WhatsApp, nem dar por telefone, para não ficar registado, [é diferente] (...), mas mesmo assim estou a lembrar-me de uma situação em que isso aconteceu e foi um pouco como nos filmes, ‘[o documento ficou aqui], agora vai buscar’” (comunicação pessoal, 14 de março, 2023).

A jornalista da editoria de Economia, Isabel Loução Santos, também considera que não existiu uma alteração significativa na relação com as fontes, porém admite ter ficado surpreendida pela partilha de meios entre televisões, algo inédito. “Não havia necessidade, de facto, de irmos todos. (...) Não creio que isso tenha alterado os critérios que nos levam a ir lá” (comunicação pessoal, 23 de março, 2023).

3.5. O fenómeno da desinformação

Todos os entrevistados admitiram que foi um desafio constante encontrar fontes fidedignas quando os assuntos levantavam dúvidas. Produzir informação durante a pandemia exigiu mais atenção e mais responsabilidade.

Para a jornalista de Política, Beatriz Jalón, este também foi um período de proliferação de informações falsas, especialmente na internet, mas não só. “Vinham pessoas ter comigo com informações que não eram fidedignas” (comunicação pessoal, 14 de março, 2023). Por esse motivo, relata um período de responsabilidade social dos jornalistas na luta contra as fake news. “[Tivemos um papel bastante mais construtivo (...) de desconstruir aquilo que eram mitos e falsas informações.”

O jornalista Nuno Mandeiro adiantou um exemplo concreto: um vídeo que se havia tornado viral nas redes sociais, que mostrava animais selvagens a ocupar locais habitados por humanos. “Por vezes é difícil não cair na armadilha, lembro-me de um caso, que acho que tanto o digital como a televisão noticiaram: os golfinhos [a nadar nos canais] de Veneza. Toda a gente caiu nisso, mas foi um ‘abre olhos’ e [percebeu-se que era necessário estar mais] alerta. (...) [Se normalmente já se confirma] tudo três vezes, nesta altura eram nove” (comunicação pessoal, 17 de fevereiro, 2023).

3.6. O caso específico dos pivôs

Na sequência do ponto anterior, os apresentadores de noticiários foram os que mais sentiram o peso da responsabilidade de bem informar sobre o que estava a acontecer no mundo. Enquanto caras da estação, os pivôs José Alberto Carvalho (TVI) e Rita Rodrigues (TVI24) manifestaram ter vivenciado uma pressão autoinfligida sem precedentes por este motivo.

“[Senti] uma responsabilidade acrescida, sim, porque acho que foi uma altura em que [lidámos] muito com as teorias da conspiração e, portanto, não só era necessário responder às dúvidas das pessoas, que nunca tinham ouvido falar deste vírus (...) [havia] uma necessidade

de serviço público [e uma] percepção acrescida de desmistificar tudo o que circulava nas redes sociais e que claramente era mentira (...)" (Rodrigues, comunicação pessoal, 1 de março, 2023).

José Alberto Carvalho disse ter ficado "com uma latitude de intervenção inédita": "Tinha mais autonomia, mais influência e mais liberdade para dizer. Acho que isso tinha de ser encarado como: 'qual é a tua obrigação? A tua missão? As tuas responsabilidades? O teu bom senso?'" (comunicação pessoal, 30 de março, 2023).

Com o alargamento da duração dos noticiários e a partir do momento em que a pandemia se tornou o único tema relevante para a antena, ambos referiram ter sentido fadiga pelo caráter monotemático das emissões e pela dificuldade em tratar temas complexos. "Chegávamos a fazer 4 ou 5 horas seguidas, era inevitável repetir perguntas. (...) depois, como o assunto era medicina, (...) o nosso trabalho era descodificar e encorajar [uma simplificação] da linguagem, o que nem sempre acontecia. (...) O monotema ainda traz outro problema, que é a exaustão. (...) Chegava ao fim do dia exausta e a lutar para não entrar no discurso trágico e do medo" (R. Rodrigues, comunicação pessoal, 1 de março, 2023).

3.7. Práticas que permanecem inalteradas

A larga maioria dos entrevistados disse já ter revertido quase 100% de todas as alterações às práticas jornalísticas introduzidas durante a pandemia, bem como praticamente todas as rotinas de higienização do posto de trabalho e distanciamento. As únicas exceções são a partilha (agora pontual) de conteúdos entre televisões e a realização de videochamadas, seja para utilização em reportagens ou para a emissão em direto. Os "Skypes" passaram definitivamente a integrar as rotinas da emissão, quando antes da pandemia eram ferramentas que eram consideradas soluções preguiçosas e sem qualidade. "Lembro-me que antes [da pandemia] se fiz uma [ligação] por Skype ou duas [em anos]... No início da pandemia tivemos emissões em que num jornal de uma hora tínhamos oito e dez (Baptista, comunicação pessoal, 22 de dezembro, 2022).

Para a Editora-chefe, Paula Oliveira, ganhou-se tempo de reação porque é possível entrevistar convidados que não têm disponibilidade para se deslocar à TVI (comunicação pessoal, 8 de março, 2023). Porém, para o pivô José Alberto Carvalho, nem tudo é positivo no que toca à facilidade com que se colocam convidados em direto remotamente. "Ficou uma televisão com menos reportagem, com mais pessoas a falar. (...) Menos reportagem [significa] menos olhar dos jornalistas sobre o mundo que nos rodeia" (comunicação pessoal, 30 de março, 2023).

Entre os entrevistados há, no entanto, uma exceção que vale a pena mencionar. O jornalista Hugo Beleza, da editoria de Internacional, não voltou mais a utilizar o software que é usado por todos os colegas para a montagem de peças. Depois da experiência em casa, prefere continuar a utilizar o programa que usou durante a pandemia. Explicou, ainda, que esse software passou também a ser utilizado pelos correspondentes e jornalistas no estrangeiro, que com o programa anterior enfrentavam problemas com a legendagem.

Esta exceção é representativa, no entanto, de um sentimento mais geral entre os entrevistados de uma maior aceitação das novas tecnologias dentro da redação. "Conseguiu-se perceber que também a televisão tem que se adaptar aos meios que a informática e os dispositivos móveis já garantem. (...) Antes tinha de se ter um repórter de imagem com o correspondente, (...) agora manda-se um jornalista para Paris, ele leva um telemóvel, um auricular e consegue fazer a mesma cobertura." (V. Ferreira, comunicação pessoal, 27 de fevereiro, 2023).

Para Paula Oliveira, da pandemia ficou também uma desmistificação do teletrabalho. “[Existe] uma aceitação. Hoje em dia, eu ficar a trabalhar em casa não é visto como ficar a fugir a trabalho (...) deixou de haver uma nuvem de suspeição se estaria ou não a trabalhar da mesma forma (comunicação pessoal, 8 de março, 2023).

4. Conclusões

O estudo empírico sobre o caso da TVI provou que a maioria dos efeitos da pandemia no jornalismo televisivo (evidenciados na literatura) foram enfrentados também pela redação deste órgão de comunicação e pelos jornalistas individualmente.

Ao nível das rotinas de trabalho e das questões técnicas, confirmou-se que a TVI teve de adaptar as operações diárias consoante as restrições impostas pelo Governo português. A estação laborou com um número menor de jornalistas de forma presencial e impôs o teletrabalho à grande maioria dos profissionais, que tiveram de aprender a utilizar software para conseguirem realizar tarefas como produção de reportagens a partir de casa. Já os jornalistas que continuaram a deslocar-se para a empresa, enfrentaram um maior volume de trabalho e de funções, devido ao menor número de colegas disponíveis. Verificou-se ainda a já documentada partilha de meios entre televisões (Cunha *et al.*, 2021), o que abriu a porta a uma inédita colaboração entre concorrentes diretos, cujos efeitos ainda subsistem.

Apesar das alterações ao quotidiano dos jornalistas, não há dados significativos sobre aumento da pressão interna, nem sobre uma alteração substancial da relação com as fontes, duas das questões de investigação deste estudo.

A maioria dos entrevistados admitiu a adoção de maiores cuidados na produção e emissão de conteúdos para lidar com a ameaça da desinformação. Esta preocupação verificou-se especialmente entre os pivôs, devido à “exposição sem precedentes” (Carvalho, comunicação pessoal, 30 de março, 2023). Estes relatos também vão de encontro ao descrito na literatura, quando se refere que os pivôs foram as personalidades que mais vezes surgiram nos ecrãs domésticos (Lopes *et al.*, 2020). Por esse motivo, foram também aqueles que referiram maior cansaço pelo cariz monotemático dos noticiários.

Percebeu-se, no entanto, que a maioria das alterações às práticas jornalísticas foi já revertida, com apenas duas a realmente subsistirem no quotidiano da redação: a realização de videochamadas, quase diariamente, e a partilha de conteúdos e sinais de direto entre canais, ainda que de forma substancialmente menos frequente.

Ao nível das medidas sanitárias também se verificou uma quase completa reversão de todas as regras impostas durante os dois anos da pandemia, apesar de alguns entrevistados referirem que existem colegas que ainda praticam a desinfeção do local de trabalho e recorrem ao uso de máscara em algumas situações (como quando estão doentes).

Em conclusão, tendo em conta a reversão generalizada das práticas, deve-se refletir sobre as poucas que subsistem. Sugere-se um novo estudo dentro de alguns anos, para apurar se de facto se mantêm ou se só estão a demorar mais tempo a desaparecer.

6. Referências

Aguado-Guadalupe, G., & Bernaola-Serrano, I. (2020). Verificación en la infodemia de la covid-19. El caso Newtral. *Revista Latina de Comunicación Social*, 78, 289-308. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2020-1478>

- Becker, B. (2021). Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a pandemia da covid-19. *Lumina*, 15(3), 6-22. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2021.v15.35300>
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista Em Tese*, 2(1), 68-80. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>
- Cabrera, A., Martins, C., & Cunha, I. F. (2020). A cobertura televisiva da pandemia de Covid-19 em Portugal: um estudo exploratório. *Media & Jornalismo*, 20(37), 185-204. https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_10
- Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J. Garcia, J. L., Matos, J. N., Oliveira, M., Martins, P., & Silva, P. A. (2020). *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19*. Relatório. Sopcom
- Cunha, I., Cabrera, A., & Martins, C. (2021). O ressurgimento da informação televisiva: uma janela para a pandemia. *Perspectivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de pandemia*, 2, 7-22. <https://doi.org/10.34619/4oeg-jmum>
- Lins-Cajazeira, P. E., & Gomes de Souza, J. J. (2020). A nova práxis do telejornalismo na cobertura da pandemia da covid-19. *Espaço e Tempo Midiáticos*, 3(2), 7. <https://doi.org/10.20873/stmmta2020-10012>
- Lopes, F., Araújo, R., Magalhães, O., & Sá, A. (2020). COVID-19: quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia. En Martins, M. e Rodrigues, E. (eds.), *A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo III: Projeções*. UMinho Editora. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.25.11>
- Túñez-López, M., Vaz-Álvarez, M., & Fieiras-Ceide, C. (2020). Covid-19 and public service media: Impact of the pandemic on public television in Europe. *Profesional de la información*, 29(5), 2-17. <https://doi.org/10.3145/epi.2020.sep.18>
- Perreault, M., & Perreault, G., (2021). Journalists on covid-19 Journalism: Communication Ecology of Pandemic Reporting. *American Behavioral Scientist*, 65(7), 976-991. <https://doi.org/10.1177/0002764221992813>
- Ramón-San Miguel, A., Sánchez-Gey Valenzuela, N., & Elías-Zambrano, R. (2022). Information professionals and fake news during the covid-19 pandemic. *Vivat Academia*, 155, 131-149. <http://doi.org/10.15178/va.2022.155.e1312>
- Rico, C. (2020, 2 de março). Confirmado primeiro caso de coronavírus em Portugal. Segundo caso aguarda contra-análise. *TSF*. <https://shorturl.at/auP2M>
- Rodrigo-Cano, D., & Ruiz-Alba, N. (2021). Comunicar en tempos de pandemia, más allá de la covid-19. *Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación*, 52, 6. <https://revistascientificas.us.es/index.php/Ambitos/article/view/15852>
- Serrano, S. (2021). Jornalismo em tempo de pandemia: os novos formatos e os novos protagonistas da informação televisiva. En F. R. Cádima & I. Ferreira (Coords),

Perspectivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de Pandemia (pp. 50-71). Coleção ICNOVA.

Sifuentes, L., Ribas, J. V., Almeida, C. F., & Guilhermano, L. (2021). Transformações nas rotinas produtivas na televisão pública: o trabalho dos jornalistas da TVE-RS durante a pandemia de covid-19. *Lumina*, 15(3), 128-145. <https://n9.cl/n0hul>

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORES/AS, FINANCIAMENTO E AGRADECIMENTOS

Financiamento: Esta investigação não recebeu financiamento externo.

Agradecimentos: O autor agradece a disponibilidade da TVI e dos colaboradores entrevistados, bem como as correções do orientador Prof. Dr. João Canavilhas.

Conflito de interesses: deve referir-se que o autor era, durante o período estudado, jornalista e coordenador na TVI e era, à data da elaboração deste artigo científico (2023), jornalista e coordenador de noticiários na CNN Portugal, canal que pertence ao mesmo grupo. Importa, por este motivo, elencar várias considerações, de forma a salvaguardar quaisquer preocupações do foro ético para com a investigação:

1. O investigador não participou, nem teve responsabilidade, em decisões tomadas durante o período da pandemia de covid-19 que tiveram efeitos na organização da redação ou na reorganização de tarefas;
2. As funções do autor, à data da redação deste artigo, não incluíam tomada de decisões editoriais fora da ordinária organização e preparação do noticiário que coordenava na CNN Portugal (jornal emitido de segunda a sexta-feira, das 15 às 18 horas). Não tendo, nem à data, nem no passado, funções de chefia e que pudessem levantar questões sobre parcialidade para com o objeto de estudo.
3. Qualquer conhecimento prévio sobre as normas aplicadas na empresa durante o período de estudo foi considerado durante a preparação da metodologia, a realização das entrevistas e elaboração do artigo.
4. Como a metodologia assentou apenas em entrevistas estruturadas e semiestruturadas considera-se que não existiu influência nas respostas dos entrevistados. O investigador escolheu, também, propositadamente, não entrevistar funcionários com funções de coordenação, uma vez que era aquela que o investigador desempenhava, para salvaguardar qualquer contaminação dos resultados.
5. Considera-se que a familiaridade com o objeto possa ter trazido aspetos positivos, nomeadamente, na facilidade em aceder a entrevistados de interesse para o estudo. Deve também referir-se que o tema para este artigo partiu, justamente, de uma primeira observação do investigador e da constatação das diferenças editoriais e operacionais entre o período da pandemia e o da altura do estudo.

AUTOR:**Élvio Silva Carvalho**

Doutorando, Universidade da Beira Interior, Portugal

Élvio Carvalho é atualmente doutorando (PhD Candidate) e investigador em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior, com interesse por jornalismo televisivo e digital. É, também, Mestre em Jornalismo (2013) e Licenciado em Ciências da Comunicação (2011) pela mesma universidade. Antes de se dedicar à investigação, foi jornalista e coordenador de noticiários na TVI e na CNN Portugal (2013-2024). elvio.carvalho@ubi.pt

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-8382-2060>**Google Scholar:** <https://scholar.google.com/citations?user=7mCROdMAAAAJ&hl=pt-PT>**ResearchGate:** <https://www.researchgate.net/profile/Elvio-Carvalho>**CiênciaVitae:** 8B17-7D36-092^a